Acabar com a guerra de Trump e Netanyahu no Oriente Médio[1]

Poner fin a la guerra de Trump y Netanyahu en Oriente Medio

Ending the Trump-Netanyahu War in the Middle East

Jeffrey D. Sachs & Sybil Fares

> *Se não for interrompida em breve, essa guerra poderá facilmente transformar-se em um conflito global – efetivamente, em uma Terceira Guerra Mundial.*

A guerra travada por Israel e pelos Estados Unidos contra o Irã está envolvendo todo o Oriente Médio e pode escalar para um conflito de alcance global. As consequências econômicas já são graves e podem se tornar catastróficas. O Estreito de Ormuz é responsável pela passagem de aproximadamente um quinto de todo o petróleo comercializado no mundo e 30% do gás natural liquefeito (GNL) global. O fechamento prolongado do estreito provocaria um choque energético sem precedentes na história moderna.

É provável que o conflito saia do controle porque os Estados Unidos e Israel estão determinados a estabelecer hegemonia no mundo árabe e na Ásia Ocidental – uma hegemonia que combina a expansão territorial israelense com o controle de governos na região apoiado por Washington. O objetivo final seria a criação de um "Grande Israel", que absorveria toda a Palestina histórica, combinado com governos árabes e islâmicos submissos e desprovidos de soberania real, inclusive no que diz respeito às decisões sobre como e para onde exportar seu petróleo e gás.

Isso é ilusório. Nenhum país da região deseja que Israel atue sem limites como vem fazendo, matando civis em toda a região, destruindo Gaza e a Cisjordânia, invadindo o Líbano, atacando o Iraque e o Iêmen e bombardeando intensamente Teerã. Nenhum país deseja que suas exportações de hidrocarbonetos fiquem sob controle efetivo dos Estados Unidos. A guerra terminará se – e somente se – a repulsa global à agressão dos Estados Unidos e de Israel obrigar esses dois países a recuar. Caso contrário, provavelmente veremos o Oriente Médio em chamas e o mundo mergulhado em uma crise energética e econômica sem precedentes na história moderna. A guerra pode facilmente se transformar em um conflito global – efetivamente, em uma Terceira Guerra Mundial.

Ainda assim, existe uma alternativa. A guerra poderia cessar com base em critérios racionais caso Israel e os Estados Unidos fossem responsabilizados de maneira decisiva pelo restante do mundo. Encerrar o conflito exige um conjunto de passos interligados que ofereçam segurança básica a todas as partes – e, na verdade, ao mundo como um todo. O Irã precisa de um fim permanente da agressão de Estados Unidos e Israel. Os países do Golfo precisam que

[1] Publicado originalmente em *Common Dreams*, em 16 de março de 2026. Acesso: https://www.commondreams.org/opinion/how-to-end-the-iran-war. Tradução: Carolina Leocadio.

cessem os ataques retaliatórios do Irã. Os palestinos precisam de um Estado independente. Israel precisa de segurança duradoura e do desarmamento do Hamas e do Hezbollah. O mundo inteiro precisa da reabertura do Estreito de Ormuz e de monitoramento internacional do programa nuclear iraniano para garantir que ele cumpra o Tratado de Não Proliferação Nuclear, como o próprio Irã afirma desejar. E todos os países querem – ou deveriam querer – soberania real para si e para sua região.

A segurança coletiva poderia ser alcançada por meio de cinco medidas interligadas. Primeiro, os Estados Unidos e Israel encerrariam imediatamente a agressão armada em toda a região e retirariam suas forças. Segundo, o Irã interromperia seus ataques retaliatórios contra os países do Conselho de Cooperação do Golfo e voltaria a submeter-se ao monitoramento da Agência Internacional de Energia Atômica no âmbito de um Plano de Ação Conjunto Abrangente (JCPOA) revisado – acordo que o presidente Trump abandonou de forma imprudente em 2018. Terceiro, o Estreito de Ormuz seria reaberto mediante acordo mútuo entre o Irã e os países do Conselho de Cooperação do Golfo. Quarto, a solução de dois Estados seria imediatamente implementada por meio da admissão da Palestina como membro pleno das Nações Unidas. Israel teria de pôr fim à ocupação da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental e retirar suas forças do Líbano e da Síria. Quinto, o reconhecimento pela ONU do Estado da Palestina serviria de base para um amplo processo regional de desarmamento de todos os atores armados não estatais, verificado sob monitoramento internacional. O resultado final seria um retorno ao direito internacional e à Carta das Nações Unidas.

Quem sairia vencedor com esse plano? Os povos da região – de Israel, Palestina, Líbano, Síria, Iraque e Irã – e também o restante do mundo. Quem perderia? Apenas os defensores do projeto do "Grande Israel", liderados por Benjamin Netanyahu, Itamar Ben-Gvir, Bezalel Smotrich e Mike Huckabee, que levaram o mundo à beira da destruição.

Eis os cinco passos com mais detalhes.

Primeiro: pôr fim à agressão armada de Estados Unidos e Israel

Israel e os Estados Unidos cessariam a agressão e retirariam suas forças. Em contrapartida, o Irã suspenderia seus ataques retaliatórios. Não se trataria de um simples cessar-fogo, mas do primeiro passo rumo a um acordo mais amplo de paz e a um arranjo de segurança coletiva.

Segundo: retorno ao JCPOA

A questão nuclear seria resolvida por meio de um monitoramento rigoroso da Agência Internacional de Energia Atômica, e não por campanhas de bombardeio que apenas colocariam o urânio enriquecido do Irã fora do alcance da supervisão internacional. O Conselho de Segurança da ONU restabeleceria imediatamente a estrutura básica do Plano de Ação Conjunto Abrangente (JCPOA) de 2015, segundo o qual o Irã deve cumprir estritamente o monitoramento da AIEA e os limites acordados para seu programa nuclear, enquanto as sanções econômicas contra o país seriam suspensas.

Terceiro: reabrir o Estreito de Ormuz em um marco Irã–Conselho de Cooperação do Golfo

O Estreito de Ormuz seria rapidamente reaberto, com a passagem segura garantida conjuntamente pelo Irã e pelos países do Conselho de Cooperação do Golfo. Esses países afirmariam sua soberania sobre as bases militares situadas em seus territórios, de modo a

assegurar que elas não sejam utilizadas como plataformas de lançamento para novos ataques ofensivos contra o Irã.

Quarto: a solução de dois Estados

A solução de dois Estados seria implementada com a admissão da Palestina na ONU como o 194º Estado-membro permanente. Para isso, bastaria que os Estados Unidos retirassem seu veto. A criação do Estado palestino está em conformidade com o direito internacional e com a Iniciativa de Paz Árabe, que está sobre a mesa desde 2002. Em contrapartida, os países da região estabeleceriam relações diplomáticas com Israel, e o Conselho de Segurança da ONU enviaria forças de paz para garantir a segurança tanto da Palestina quanto de Israel.

Quinto: o fim da beligerância armada.

Em conjunto com a solução de dois Estados, toda a beligerância armada na região cessaria imediatamente, incluindo o desarmamento do Hamas, do Hezbollah e de outros atores armados não estatais. No caso da Palestina, o desarmamento do Hamas reforçaria a autoridade do Estado palestino. No caso do Líbano, o desarmamento do Hezbollah restauraria a plena soberania libanesa, com as Forças Armadas do Líbano como única autoridade militar no país.

O desarmamento seria verificado por monitores internacionais e garantido pelo Conselho de Segurança da ONU.

O ponto central é que a guerra de Israel e dos Estados Unidos contra o Irã não ocorreu no vácuo. A estratégia *Clean Break*, desenvolvida por Netanyahu e por seus apoiadores neoconservadores norte-americanos em 1996 e implementada desde então, prevê que Israel estabeleça hegemonia na região por meio de guerras de mudança de regime, com os Estados Unidos atuando como parceiro executor. Como revelou o comandante supremo da OTAN à época, Wesley Clark, após o 11 de setembro, os Estados Unidos elaboraram, há um quarto de século, planos para derrubar governos em sete países: "começando pelo Iraque e depois Síria, Líbano, Líbia, Somália, Sudão e, por fim, Irã". Estamos, portanto, vivendo a culminação de um plano de longa data de Israel e dos Estados Unidos para dominar o mundo árabe e a Ásia Ocidental, criar um "Grande Israel" e bloquear permanentemente a criação de um Estado palestino.

Não somos otimistas quanto às chances de nosso plano. O governo israelense é assassino, e Trump tem uma visão delirante do poder dos Estados Unidos. Talvez já estejamos nos primeiros dias da Terceira Guerra Mundial. Ainda assim, como o que está em jogo é tão grande, vale a pena apresentar soluções reais, mesmo que as probabilidades de sucesso sejam pequenas. Acreditamos, no entanto, que o mundo não ocidental – a parte que não é composta por Estados vassalos do poder norte-americano – compreende a urgência da paz e da segurança.

Quem, então, poderia defender um plano de paz ao qual os Estados Unidos e Israel resistirão com todos os meios à sua disposição, até que o peso da oposição global e de uma catástrofe econômica não lhes deixe outra escolha senão aceitá-lo?

Há um grupo principal, e ele é formado pelos países do *BRICS.*

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, juntamente com os novos membros do bloco – que agora incluem Emirados Árabes Unidos, Irã, Egito, Etiópia e Indonésia –, representam aproximadamente metade da população mundial e mais de 40% do PIB global (em comparação com os 28% atribuídos aos celebrados, porém superestimados, países do G7). O BRICS tem

credibilidade, peso econômico e não carrega o histórico de cumplicidade com o imperialismo no Oriente Médio que caracteriza outras potências, o que lhe permitiria trazer o mundo de volta à razão. O bloco deveria convocar uma cúpula de emergência e apresentar um marco comum que incorporasse as condições para a paz e a segurança, o qual seria então levado ao Conselho de Segurança da ONU. Ali, a opinião mundial diria aos Estados Unidos e a Israel que parem de empurrar o mundo para a catástrofe e lembraria a todos os países de que devem respeitar a Carta das Nações Unidas.